

Comentário Bíblico Expositivo¹ em

2 João

Edição 2021

Dr. Thomas L. Constable

Introdução

PANO DE FUNDO HISTÓRICO

“Diferentemente de 1 João, 2 e 3 João encontram-se na categoria de cartas pessoais”.²

Adolph Deissmann distinguiu cartas de epístolas³. Ele colocou 1 João na categoria de epístola (uma obra literária formal), e 2 e 3 João na categoria de cartas (correspondência não literária).

“Estas são notas retiradas de correspondências cotidianas de um apóstolo”.⁴

O escritor se identifica como “o presbítero” (v. 1). Os escritos dos primeiros pais da igreja atribuem a autoria desta epístola ao apóstolo João. Ele era comumente reconhecido entre os primeiros cristãos como “o presbítero” em questão.⁵ Poderíamos esperar que João se apresentasse como “o apóstolo”, como Paulo normalmente fazia, uma vez que o apostolado é um ofício de autoridade superior ao presbiterato. Entretanto, o apostolado de João não foi posto à prova como o de Paulo. Não há evidência de que os primeiros cristãos questionassem o apostolado joanino como fizeram com o apostolado paulino. “Presbítero” era um título mais carinhoso e, sem sombra de dúvidas, representou o papel joanino entre as igrejas, pelo menos de maneira não oficial, se não oficialmente. João também provavelmente já era um homem de idade avançada nesta época.

A identidade do destinatário ou destinatários desta epístola é questionada. Alguns estudiosos concluíram que João escreveu para uma senhora *específica* e “seus filhos” (v. 1).⁶ Destes intérpretes, alguns creem que o nome dela era “Eklekta” (do termo grego *eklekte*, que significa “eleita”, v. 1). Entretanto, isto parece improvável pois João também chama a irmã desta senhora de *eklekte* no versículo 13. Outros, que

¹ Apesar de alguns dos livros citados nesta obra já terem sido traduzidos para o vernáculo, este projeto de tradução optou por traduções independentes das citações à guisa de uniformização. Os textos das referências bíblicas foram extraídos da versão Almeida Revista e Atualizada, 2a ed. (Sociedade Bíblica do Brasil), salvo indicação específica.

² I. Howard Marshall, *The Epistles of John*, pág. 9.

³ Veja Adolph Deissmann, *Light from the Ancient East*, págs. 228-29.

⁴ G. G. Findlay, *Fellowship in the Life Eternal*, pág. 4.

⁵ Veja Richard C. H. Lenski, *The Interpretation of the Epistles of St. Peter, St. John and St. Jude*, pág. 554.

⁶ P.ex.: Kenneth S. Wuest, *Word Studies in the Greek New Testament*, 4:4:199; Warren W. Wiersbe, *The Bible Exposition Commentary*, 2:534.

acreditam que ele escreveu à uma senhora específica, sugerem que o nome dela era Kyría (a forma grega do nome “Marta”, traduzido por “senhora”, v. 1).⁷ Todavia, isso também parece improvável considerando o uso plural feito por João nos versículos 6, 8, 10 e 12. Uma explicação mais provável seria a de que João personificou uma igreja local como sendo uma “senhora” e os cristãos nela inseridos como “seus filhos” (cf. 1 Pe 5.13).⁸ Esta visão harmoniza com a personificação da igreja como noiva de Cristo (Ef 5.22-23; 2 Co 11.2; Ap 19.7).

Há inúmeros exemplos de saudações de uma igreja para outra no Novo Testamento (Rm 16.16; 1 Co 16.19-20; Fp 4.21). Uma vez que o palco ministerial de João era a Ásia Menor, a probabilidade de ela ser uma igreja naquela província romana é grande. Findlay argumentava que a igreja de Pérgamo era “a eleita” (v. 1) e que a igreja em Éfeso era sua “irmã eleita” (v. 13).⁹

As condições existentes na igreja para a qual João escreve são muito similares às aquelas descritas em sua primeira epístola. Portanto, a data em que foi escrita parece ser muito próxima da data de 1 João: A.D. 90-95. Éfeso parecer o local mais provável a partir do qual João escreveu ambas as cartas (1 e 2 João).¹⁰

“Portanto, 2 e 3 João estabelecem, na ausência de outro material, uma espécie de estrutura e contexto para 1 João”.¹¹

“Você precisa se lembrar que João é o apóstolo que escreve acerca da família de Deus. Paulo escreve acerca da igreja de Deus, enquanto Pedro escreve acerca do governo de Deus”.¹²

⁷ David Smith, “The Epistles of St. John”, em *The Expositor’s Greek Testament*, 5:162.

⁸ Lenski, pág. 555; Rudolph Schnachenburg, *The Johannine Epistles*, pág. 278. Veja William Barclay, *The Letters of John and Jude*, págs. 152-53, para uma discussão a respeito destas posições.

⁹ Findlay, págs. 30-32.

¹⁰ Donald A. Carson and Douglas J. Moo, *An Introduction to the New Testament*, pág. 675; Henry Alford, *The Greek Testament*, 4:1:188.

¹¹ Findlay, pág. 5.

¹² J. Vernon McGee, “The Second Epistle of John”, em *Thru the Bible with J. Vernon McGee*, 5:821.

ESBOÇO

- I. Introdução vv. 1-3
- II. A importância da verdade vv. 4-11
 - A. Praticar a verdade vv. 4-6
 - B. Proteger a verdade vv. 7-11
- III. Conclusão vv. 12-13

A seguir encontra-se um ótimo esboço expositivo do livro.¹³

A verdade gera uma comunidade cristã exclusiva (vv. 1-3).

A verdade exige uma ética cristã distinta (vv. 4-6).

A verdade envolve a doutrina cristã proposicional (v. 7).

A verdade exige a vigilância cristã contínua (vv. 8-11).

MENSAGEM

Uma frase que resume a mensagem desta epístola poderia ser a seguinte: “Permanecer na verdade é fundamental para manter o amor fraterno”. A seguir vou procurar esclarecer o que João estava dizendo nesta epístola.

Primeiro, ele escreveu que *a verdade revelada é fundamental* para o cristão. João enfatizou a importância da verdade revelada de cinco maneiras: (1) Ele baseou seu próprio amor nela (v. 1a). (2) Ele baseou o amor de todos os cristãos nela (v. 1b). (3) Ele baseou a escrita desta epístola nela (v. 2). (4) Ele baseou as três grandes graças nela (v. 3). E (5) ele elogiou seus leitores por basearem suas vidas nela (v. 4).

Por “a verdade”, João se referiu aos ensinamentos de Cristo (v. 9). Isso inclui tudo o que Jesus aprovou como revelação de Deus (o Antigo Testamento), e tudo o que Ele ensinou pessoalmente e através de Seus apóstolos após a Sua ascensão (o Novo Testamento; cf. At 1.1).

Precisamos manter a importância da *verdade de Deus em equilíbrio*. Por um lado, ela é o *único* fundamento que fornece apoio adequado para um relacionamento apropriado com Deus e com o próximo. Ela é a fonte do nosso conhecimento dos mandamentos de Deus. E como tal, ela é a base do nosso relacionamento com Deus e com o próximo (v. 8). Por outro lado, ela é *somente* o fundamento para um relacionamento apropriado com Deus e com o próximo. Precisamos também “permanecer” naquela verdade. Permanecer envolve não apenas um concordar com a ortodoxia, mas um relacionamento vital no qual Deus nos controla. Andar “na luz” da verdade de Deus (1 Jo 1.7) torna possível este relacionamento.

Em segundo lugar, João escreveu que o “amor” *pelos outros é o fruto de se permanecer na verdade*. Ele

¹³ Roy Clements, Eden Baptist Church, Cambridge, Inglaterra, 19 de Julho de 1992.

considerou o amor pelo próximo como algo muito importante para o cristão. A perspectiva dele se harmoniza com os ensinamentos da Lei Mosaica e de Jesus Cristo (v. 5). Ele também considerou o amor pelo próximo como essencialmente obediência à vontade de Deus. Quando obedecemos a Deus, fazemos o melhor para o próximo. Esse é o significado de amar ao próximo. Quando permanecemos na verdade, demonstraremos amor.

Em terceiro lugar, João alertou contra *separar o amor da verdade*. Na época de João, algumas pessoas estavam rejeitando a verdade, mas tentando manter o amor. Elas alegavam ter progredido da verdade básica para a verdade avançada, quando de fato haviam abandonado a verdade (VV. 7-9). João aconselhou seus leitores a não fornecerem qualquer encorajamento aos falsos mestres (VV. 10-11). Ele não os aconselhou, entretanto, a deixar de amá-los.

Atualmente, algumas pessoas estão fazendo o mesmo apelo. Precisamos ter cuidado com apelos para seguirmos ensinamentos que se desviam das Escrituras. Cuidado com apelos que alegam um conhecimento mais avançado da verdade espiritual do que aquilo que a Bíblia revela (p.ex.: as seitas). Aprendemos com esta carta como devemos nos relacionar com os falsos mestres. Não devemos encorajá-los em seu trabalho, mas devemos alcançá-los em amor. Certa vez ouvi um orador dizer numa conferência: “Não importa muito o que cremos contanto que amemos uns aos outros”. João não concordaria com isso. João escreveu que importa muito o que cremos, pois aquilo que cremos determina se realmente “amamos uns aos outros”. *Permanecer na verdade* é fundamental para se manter o amor fraternal. Essa é a mensagem essencial desta curta epístola.

Se desejamos amar outros cristãos de maneira consistente, descobriremos que isso será mais fácil se permanecermos na verdade e em Cristo. Enquanto incrédulos e cristãos que não permanecem na verdade podem e de fato conseguem amar outras pessoas, é mais difícil para eles amarem aqueles que permanecem em Cristo. Eles têm menos coisas em comum conosco, e normalmente se sentem condenados por nós.¹⁴

À luz desta ênfase, não é de nos surpreender que 2 João, juntamente com 3 João, têm sido chamadas de “As Epístolas Pastorais de João”.¹⁵

¹⁴ Adaptado de G. Campbell Morgan, *Living Messages of the Books of the Bible*, 2:2:177-93.

¹⁵ Findlay, pág. 6.

Exposição

I. INTRODUÇÃO vv. 1-3

João se apresentou, identificou os destinatários de sua carta, os saudou, e mencionou os principais assuntos que o preocupavam para preparar seus leitores para o que viria a seguir.

vv. 1-2 Conforme explicado na seção introdutória, o “presbítero” era, evidentemente, o apóstolo João, a “senhora eleita” era uma igreja local, e seus “filhos” eram os crentes daquela igreja¹⁶.

“É possível que o destinatário seja deliberadamente indefinível. A carta foi escrita num momento em que a perseguição era uma possibilidade real. Se a carta caísse nas mãos erradas, o problema estaria instalado. E é possível que a carta tenha sido escrita de tal maneira que a pessoa que está dentro da igreja entendesse claramente o destino da carta, ao passo que, para a pessoa que está do lado de fora, parecesse uma carta pessoal entre amigos. O destinatário pode ser, de fato, uma tentativa habilidosa de confundir qualquer pessoa hostil em cujas mãos a carta poderia parar; e, se este é o caso, nossa dificuldade para identificar a pessoa ou a Igreja para quem a carta foi endereçada não é nada além de um tributo à habilidade de João”.¹⁷

A igreja foi “eleita” no sentido de que consiste de indivíduos eleitos: os cristãos.

“É difícil pensarmos em presbítero no sentido que o termo *presbiteros* normalmente é empregado no contexto cristão do Novo Testamento, isto é, alguém que desempenha o papel do presbiterato em uma igreja local... O termo é utilizado em outro sentido, específico da literatura cristã do segundo século, o de líderes eclesiais da geração pós-apostólica, particularmente os que foram discípulos dos apóstolos ou dos ‘homens apostólicos’, e, conseqüentemente, responsáveis pela ‘tradição’ que receberam dos apóstolos e passaram adiante para seus próprios seguidores”.¹⁸

João amava esta igreja assim como faziam outros cristãos que a conheciam. A base deste “amor” era “a verdade” que os cristãos tinham *em comum* uns com os outros. João os amava em parte, porque eles amavam a verdade.¹⁹ Esta “verdade” refere-se à revelação de Deus nas Escrituras. A importância desta verdade se mostra clara a partir do fato de que João a mencionou três vezes nestes dois versículos.

¹⁶ Veja Zane C. Hodges, “The Second Epistle of John”, em *The Grace New Testament Commentary*, 2:1233; Colin G. Kruse, *The Letters of John*, pág. 204.

¹⁷ Barclay, pág. 162.

¹⁸ F. F. Bruce, *The Epistles of John*, pág. 135. Veja Irineu (ca. A.D. 130-202), *Against Heresies*, 5:5:1; 5:36:2, *The Ecclesiastical History of Eusebius Pamphilus*, 3.39.

¹⁹ Hodges, 2:1231.

“A Verdade torna possível o verdadeiro amor”.²⁰

- v. 3 João desejava que seus leitores apreciassem a importância de guardar (manter, preservar) a “verdade” de Deus e de praticarem o “amor” mútuo. Essas duas coisas são a base para a “graça, misericórdia e paz (cf. Ef 2.4-5). “Graça” é o favor imerecido de Deus, “misericórdia” é a compaixão, e “paz” é a harmonia e a tranquilidade interior.

“A sequência ‘graça, misericórdia e paz’ marca a ordem que vai do primeiro contato do homem com Deus até a sua satisfação final nele”.²¹

Estas qualidades florescem quando “a verdade e o amor” prevalecem.

“Quando divorciado da verdade, o amor não passa de sentimentalismo ou humanismo. Se realmente me importo com o meu próximo, vou desejar que ele conheça e viva de acordo com a verdade de Deus”.²²

“Onde ‘verdade e amor’ coexistem harmoniosamente, temos um caráter cristão equilibrado (cf. Ef 4.15)”.²³

A descrição que João faz de “Jesus Cristo” como “o Filho de Deus o Pai” é uma continuação de sua ênfase a respeito da divindade plena de Jesus, tanto em sua primeira epístola quanto em seu Evangelho.

“Isso significa que o Filho de Deus foi enviado a este mundo para ser o portador e o mediador das bênçãos divinas da salvação”.²⁴

II. A IMPORTÂNCIA DA VERDADE vv. 4-11

“Na porção central de 2 João [vv. 4-11]... temos um breve resumo dos grandes contrastes entre verdade e erro, amor e ódio, a Igreja e o mundo, que são tratados com maior profundidade em 1 João”.²⁵

A. PRATICAR A VERDADE VV. 4-6

João escreveu esta epístola para encorajar seus leitores a que continuassem a ser obedientes a Deus, respondendo positivamente à verdade de Sua revelação. Ele também desejava que eles resistissem às invasões de falsos mestres que procuravam distorcer a verdade. Ele lidou com aquele primeiro propósito nos versículos 4-6.

²⁰ B. F. Wescott, *The Epistles of St. John*, pág. 225.

²¹ Ibid.

²² Zane C. Hodges, *The Epistles of John*, pág. 255.

²³ Bruce, pág. 139.

²⁴ Schnachenburg, pág. 281.

²⁵ Stephen S. Smalley, *1, 2, 3, John*, pág. 322. Cf. John R. W. Scott, *The Epistles of John*, pág. 205.

- v. 4 João começou elogiando a igreja. Ele estava “alegre” por haver conhecido alguns de seus membros que “andam” em obediência à “verdade” de Deus (i.e., “andar na luz”, 1 Jo 1.7).

“Que os jovens viajantes [*sic*] aprendam a carregar sua religião junto com eles, que não a deixem em casa, nem aprendam os maus costumes dos países de onde vêm”.²⁶

“É muito mais fácil estudar a verdade, ou mesmo discutir a respeito da verdade, do que praticá-la!”²⁷

“... a verdade fica livre de qualquer questionamento quando, não amparada por apoios externos, serve como sua própria sustentação”.²⁸

“O alvo de João era transformar os crentes em discípulos, que **andam na** verdade, isto é, nos **mandamentos** de Jesus Cristo, o mandamento de amar outros cristãos (cf. vv. 5-6; Mt 22.37-39)”.²⁹

- v. 5 A mensagem de João para esta igreja “não” se tratava de uma “nova” revelação (“mandamento”). Tratava-se de um lembrete para que se mantivessem em obediência à verdade de Deus, continuando a praticar o amor “uns aos outros” (cf. 1 Jo 2.3-9; 3.14-18, 23; 4.7, 11, 20-21). Era importante ter isso em mente uma vez que os falsos mestres estavam encorajando seus leitores a abandonarem a verdade que estavam ouvindo (v. 6).

“Não estamos dizendo que o amor vem antes da verdade ou da fé, mas que o amor oferece o teste mais claro a respeito da veracidade da confissão e a sinceridade da obediência que prestamos aos mandamentos divinos. A crença pode ser fingida e a confissão ser da boca para fora, mas é difícil falsificar o amor”³⁰.

- v. 6 Se alguém tivesse alguma dúvida do que significa amar ao próximo, João explicou que significa, essencialmente, obedecer a Deus (Cf. 1 Jo 5.2-3a). Isto é, “amamos” melhor ao próximo quando obedecemos a vontade de Deus revelada em Sua Palavra (“andemos segundo os seus mandamentos”).

“O amor procura perceber [*sic*] em detalhe cada expressão separada da vontade de Deus”³¹.

²⁶ Matthew Henry, *Commentary on the Whole Bible*, pág. 1963.

²⁷ Wiersbe, 2:535.

²⁸ João Calvino, *Institutes of the Christian Religion*, 1:8:1.

²⁹ Hodges, “The Second...”, 2:1231.

³⁰ Glenn W. Barker, “2 John”, em *Hebrews-Revelation*, vol. 12 de *The Expositor’s Bible Commentary*, pág. 363.

³¹ Westcott, pág. 228.

O penúltimo termo neste versículo (“nesse”) não é claro no texto em português, nem no texto grego. “Nesse” pode referir-se ao “amor” ou aos “mandamentos”. A última alternativa parece mais provável considerando-se o argumento de João. Neste caso, o argumento de João é que seus leitores deveriam obedecer aos mandamentos de Deus como “ouviram desde o princípio” por meio da pregação dos apóstolos (cf. 1 Jo 1.1). Eles não deveriam obedecer ao “evangelho” que os falsos mestres estavam ensinando.

Todos os “mandamentos” específicos de Deus resumem-se a apenas um “mandamento” ou obrigação para o cristão (cf. 1 Jo 3.22-23).

B. PROTEGER A VERDADE VV. 7-11

Em seguida, João parte para o seu segundo propósito. Ele escreveu para encorajar seus leitores a resistirem aos falsos mestres, que estavam distorcendo a verdade e enganando alguns cristãos.

“A atenção do presbítero agora se desloca da existência de uma crença verdadeira dentro da comunidade joanina, o que lhe traz grande alegria (v. 4), para os perigos apresentados a ela por meio da adoção de uma falsa crença feita por enganadores que ‘saíram pelo mundo afora’. Antes, o autor havia falado a respeito da verdade e do amor cristãos; no restante de 2 João a ênfase cai, inevitavelmente, sobre a necessidade da verdade em contraste com o erro. Mas as duas seções se unem. Abandonar a verdade resulta no fracasso do amor. Consequentemente, a descrição tenebrosa da divisão causada pela heresia e suas consequências (vv. 7-11) formam a base da advertência joanina em favor do amor e da unidade (vv. 4-6).³²

v. 7 Este versículo fornece o motivo para a exortação no versículo 6 e faz a ligação com o que vem depois dos versículos 4-6.

“...os profetas e pregadores itinerantes apresentaram, de fato, um problema. Sua posição era singularmente suscetível a abusos. Eles tinham grande prestígio; e era possível que os personagens mais indesejáveis adotassem um estilo de vida no qual iam de um lugar para o outro, vivendo com considerável conforto às custas das congregações locais. Um vagabundo inteligente poderia viver confortavelmente como um profeta itinerante. Até mesmo os pagãos sarcásticos enxergavam isso. Luciano, o escritor grego, em sua obra chamada *Peregrinus*, desenha o retrato de um homem que havia encontrado a maneira mais fácil de viver sem trabalhar. Se tratava de um charlatão itinerante que vivia às custas da gordura da terra, viajando [*sic*] por várias comunidades cristãs, fazendo o que quisesse e vivendo de maneira luxuosa às custas dos outros”.³³

³² Smalley, pág. 327.

³³ Barclay, pág. 156.

O ensino falso já havia começado a se proliferar na igreja primitiva (p.ex., gnosticismo, docetismo, cerintianismo³⁴ etc.; cf. 1 Jo 2.18, 22-23, 27; 4.1-3). O erro comum era de ordem cristológica. Os falsos mestres (“enganadores”) consideravam “Jesus” algo *diferente* do Ungido de Deus (“Cristo”) que veio “em carne” (cf. 1 Jo 5.1). “Veio” em carne significa ter vindo - e *ter permanecido* – em carne. Esta é a visão correta da Encarnação. Jesus era e continuava sendo *completamente Deus e completamente homem*.

“Jamais se disse que Cristo veio *na* carne, mas *em* carne; a primeira deixaria espaço para dizer que a divindade uniu-se a Jesus algum tempo após o seu nascimento”.³⁵

“A encarnação ia além de um mero incidente, e além de uma conexão temporária e parcial entre o Logos e a natureza humana. Ela era a garantia permanente da possibilidade de comunhão, e a maneira pela qual isso aconteceria”.³⁶

Esse tipo de falso mestre era tanto um “enganador” quanto alguém que se opôs a Cristo (um “anticristo”). João não quis dizer que esta pessoa era o “anticristo” do final dos tempos. O uso do artigo definido no grego, traduzido por “o”, utilizado juntamente com uma pessoa não identificada, como neste texto, por vezes é melhor traduzido pelo artigo indefinido do português “um” ou “uma”. Esta compreensão da afirmação é preferível aqui considerando-se outros textos bíblicos que indicam que o anticristo do final dos tempos ainda está por vir (p.ex., Dn 11; 2 Ts 2; 1 Jo 2.18).

“O presbítero diz que qualquer que negar a verdade é o próprio anticristo, assim como dizemos que uma pessoa extremamente perversa ‘é o próprio Diabo’”.³⁷

v. 8 Comprometer-se com os falsos mestres poderia levar à perda de “galardão” (cf. as passagens de advertência em Hebreus).³⁸ Além disso, a perda para os leitores de João envolveria perda para ele também (“para não perderdes aquilo que temos realizado”), já que ele tinha participação em suas vidas.

“Os leitores foram advertidos a tomarem cuidado para que os enganadores não desfizessem o trabalho realizado pelos apóstolos e evangelistas, para que [todos] recebessem a recompensa completa”.³⁹

“A expressão *aquilo que temos realizado* é provavelmente uma referência aos esforços pastorais e missionários feitos pelos

³⁴ Veja Lenski, pág. 566.

³⁵ Charles C. Ryrie, “The Second Epistle of John”, em *The Wycliffe Bible Commentary*, pág. 1480.

³⁶ A. E. Brooke, *A Critical and Exegetical Commentary on the Johannine Epistles*, pág. 175.

³⁷ Marshall, pág. 71.

³⁸ Barker, págs. 364-65; Marshall, pág. 72.

³⁹ Ryrie, pág. 1480.

receptores da carta em sua própria comunidade e comunidades vizinhas. Esse esforço seria ‘perdido’ caso os opositores recebessem a permissão de converter pessoas através de seus falsos ensinamentos sem qualquer oposição”.⁴⁰

Alguns manuscritos antigos trazem escrito [numa tradução livre]: “não destruam o fruto do vosso trabalho”. Essa pode ser uma referência aos bons feitos que os leitores realizaram, que será a base da recompensa no Grande Trono Branco. Entretanto, esta perda seria apenas *parcial*. Eles ainda receberiam algum galardão (cf. 1 Co 3.11-15; 1 Pe 1.3-5).⁴¹

Creio que João quis dizer que seus leitores deveriam ter o cuidado para não perder parte da recompensa que o Senhor poderia lhes dar (se eles continuassem sendo fiéis) com base no trabalho que os receptores e os apóstolos já tinham feito ao propagar a verdade.

Perda de salvação não é o assunto em pauta aqui. A salvação é um dom de Deus, e não uma recompensa pela realização de boas obras.

“João ansiava que eles permanecessem fiéis juntamente com ele até o fim”.⁴²

“Todo crente deve trabalhar por uma recompensa, para um dia poder ouvi-Lo dizer ‘muito bem, servo bom e fiel’ (veja Mt. 25:21 [cf. 2 Tim. 4:7-8]).”⁴³

“Se permitirmos que a falsa doutrina penetre no meio da igreja, ela tem o potencial de impedir o progresso daquela igreja ou até de destruí-la”.⁴⁴

v. 9

A figura na mente de João parece ter sido a de um cristão que, segundo os falsos mestres, não conhecia a verdade completa, mas precisava de um ensino adicional que só eles podiam fornecer. É comum, ainda hoje, os falsos mestres dizerem que aqueles que não concordam com eles são intelectualmente infantis ou, pelo menos, não instruídos. Entretanto, João considerou a posição “infantil” como sendo adequada para o cristão (cf. Mt 10.16). Caso seus leitores fossem além (“Todo aquele que ultrapassa a doutrina”), eles de fato sairiam da verdade em direção ao erro. João alertou seus leitores a respeito do perigo da apostasia, a saber, abandonar a verdade e abraçar o erro (cf. 1 Jo 2.23-24).

“A teologia é a revelação de Deus na graça tal como a ciência é a Sua revelação na natureza; e assim como a ciência está descobrindo cada vez mais maravilhas da Primeira Criação, a teologia está sempre entrando mais fundo na glória da Nova Criação e se apropriando mais dos tesouros escondidos em Cristo... João não condena o progresso teológico; ele

⁴⁰ Nota do The NET Bible no v. 8.

⁴¹ Veja Zane C. Hodges, “2 John”, em *The Bible Knowledge Commentary: New Testament*, pág. 907.

⁴² A. T. Robertson, *Word Pictures in the New Testament*, 6:253.

⁴³ McGee, 5:832.

⁴⁴ Hodges, “The Second...”, 2:1232.

define seus limites: ‘permaneça na doutrina de Cristo’.⁴⁵

“O termo *ultrapassar* é um termo bastante interessante. No grego, o termo é *proago*. *Ago* significa ‘ir’; *pro* significa ‘antes’. *Proago* significa ‘ir antes ou ir adiante’. Portanto, o significado aqui não é tanto transgredir quanto é ultrapassar o que é certo”.⁴⁶

“O progresso que nega a verdade fundamental é regresso”.⁴⁷

O uso que João faz do termo “permanecer” indica que ele falou de um relacionamento vital com Deus que provoca uma aderência à verdade, e não uma ortodoxia doutrinária morta (cf. Jo 8.31; 14.21-23; 15.1-7).

“A doutrina *de* Cristo” poderia ser “a doutrina ensinada por Cristo” (genitivo subjetivo), que é “o padrão do ensinamento cristão”,⁴⁸ ou “o ensino acerca de Cristo” (genitivo objetivo). Quem sabe João tivesse as duas opções em mente.

“Aquele que não permanece dentro dos parâmetros deste ensino ‘não tem a Deus’ – o equivalente à comunhão com Deus, uma ideia que já encontramos em 1 João 2.23 (cf. 5.12; veja ad loc.)”.⁴⁹

“A pessoa que não permanece na doutrina verdadeira a respeito de Jesus Cristo não tem a presença de Deus em sua nova perspectiva e/ou estilo de vida. Ela está afastada do Senhor, enquanto aquela que permanece na doutrina de Cristo está em contato com o Senhor de maneira vital.”⁵⁰

vv. 10-11

Na cultura da época de João, os filósofos e mestres dependiam das pessoas a quem ministravam para abrigo e sustento financeiro (p.ex., At 18.2-3; 21.7).⁵¹ João instruiu seus leitores para que recusassem ajudar os falsos mestres desta maneira (“não o recebais em casa”). Juntamente com isso, eles não deveriam nem encorajar verbalmente aqueles apóstatas (cf. At 15.24; 23.2-6; 1 Co 10.20; 1 Tm 5.22; Tg 1.21; 1 Pe 3.13).⁵² João não advogou em favor da perseguição dos heréticos aqui, mas ele aconselhou fortemente seus leitores a que não fornecessem nenhuma ajuda ou encorajamento ao ministério destrutivo deles.⁵³

“Esta é uma medida severa, particularmente quando lembramos de que a hospitalidade é normalmente bem aceita no NT

⁴⁵ David Smith, "The Epistles of St. John," em *The Expositor's Greek Testament*, 5:202-3.

⁴⁶ McGee, 5:832.

⁴⁷ G. Campbell Morgan, *An Exposition of the Whole Bible*, pág. 530.

⁴⁸ Robertson, 6:254.

⁴⁹ Schnachenburg, pág. 286.

⁵⁰ Hodges, "The Second...", 2:1232.

⁵¹ Veja Veja Kruse, págs. 215-16, para uma discussão acerca da hospitalidade no mundo mediterrâneo.

⁵² Cf. Brooke, pág. 179.

⁵³ Robert W. Yarbrough, *1-3 John*, pág. 351.

[especialmente também em 3 João]”.⁵⁴

“Este mandamento tem sido atribuído por alguns ao espírito enérgico e zeloso de João, e tem sido dito que um espírito cristão genuíno de amor nos ensina o contrário. Mas corretamente compreendido, vemos que não é assim. Da mesma maneira, não temos a liberdade de colocar de lado medidas éticas diretamente ordenadas pelos apóstolos do Senhor. Podemos perceber uma variedade de características individuais nos escritos dos apóstolos: mas nestes mandamentos formais que brotam das profundezas, precisamos reconhecer o poder do Espírito da Verdade que moveu a todos como se fossem um. Se este mandamento tivesse sido observado em todas as eras pelos filhos fiéis da igreja, a realidade de hoje seria infinitamente melhor”.⁵⁵

“Aos olhos judaicos uma saudação é algo que vai além de uma mera formalidade. A saudação de paz equivale a um abençoar (cf. Mt 10.13; Lc 10.6). A saudação grega (*chairein*) é comparavelmente sem graça. É por esse motivo que o autor se sente obrigado a dar aos seus leitores gregos um motivo para a proibição”.⁵⁶

Creio que João aprovaria o esforço de seus leitores de corrigir os falsos mestres em particular e a conduzi-los à umaverdadeira apreciação pela pessoa e obra de Cristo (cf. At 18.26). Ao lidarmos com este tipo de pessoa, devemos nos relacionar com o *ministério* delas de uma forma e com *elas mesmas* de outra. Não devemos aprovar ou encorajar seu ministério, mas devemos demonstrar preocupação pelo relacionamento delas com Cristo.⁵⁷

“Há um sentimentalismo superficial hoje que considera as palavras de João como sendo insensíveis. Mas será que nós castigamos um médico por ser intolerante com a *doença*? Pergunte isso a quaisquer de seus pacientes! Será que algum de nós colocaria de bom grado um vírus letal em nosso corpo? Todos temos que nos misturar com pessoas de visões e crenças diferentes, e como crentes em Cristo devemos amar verdadeiramente as pessoas; mas *cooperar em comunhão* com elas numa propaganda de qualquer tipo que desonra a Cristo é uma traição do nosso amor ao Senhor que nos comprou”.⁵⁸

“Precisamos tomar muito cuidado antes de evitarmos exercer, de maneira radical, a hospitalidade para quem quer que seja. No caso do presbítero, isso foi aplicado apenas para com os anti-cristãos que tinham o compromisso de destruir a fé daquela comunidade. A questão

⁵⁴ Ryrie, pág. 1481. Veja Findlay, págs. 13-20, para uma discussão acerca da hospitalidade na igreja primitiva.

⁵⁵ Alford, 4:2:521.

⁵⁶ Schnachenburg, pág. 287.

⁵⁷ Veja Hodges, “2 John”, págs. 908-9.

⁵⁸ J. Sidlow Baxter, *Explore the Book*, 6:331. Veja também Hodges, “The Second...”, 2:1233.

ia além de discordâncias sobre interpretação ou desentendimentos pessoais entre os membros do corpo de Cristo. Estamos falando de uma incredulidade clara e radical, que envolvia a promoção ativa e agressiva de perversão da verdade e de práticas que atingiam o cerne do cristianismo.”

“A responsabilidade dos pais pode fornecer uma analogia. Os pais precisam discernir até sobre quais parentes eles receberão em sua casa. Alguns parentes podem ter um caráter questionável que ameace o bem-estar moral, espiritual e físico de seus filhos. Esses parentes precisam ser excluídos do convívio. Os pais precisam equilibrar sua preocupação com os parentes com a responsabilidade que têm sobre seus filhos. Observe que João não sugere que a senhora eleita e seus filhos lidem com os falsos mestres com ódio ou que retaliem de alguma maneira. Pelo contrário, ele aconselha que os falsos mestres sejam mantidos à distância a fim de que sua heresia não destrua a jovem igreja”.⁵⁹

III. CONCLUSÃO vv. 12-13

João expressou seu desejo de visitar seus leitores *pessoalmente* para explicar o motivo da brevidade da epístola.

- v. 12 João tinha mais a dizer a respeito deste assunto (“muitas coisas para vos escrever”) que Deus não o orientou a registrar nesta carta (“não quis fazê-lo com papel e tinta”). É possível que João tenha escrito esta epístola num papiro de tamanho padrão.⁶⁰ Desconhecemos se João foi capaz de realizar seu desejo de visitar seus leitores pouco depois da carta.

“É fácil explicar princípios gerais, mas a sua aplicação a questões particulares é uma tarefa delicada, que demanda conhecimento, simpatia e gentileza”.⁶¹

A “alegria” de seus leitores seria “completa” quando compreendessem a questão apresentada na carta de maneira plena, assim como quando João os visitasse (cf. 1 Jo 1.4).

- v. 13 João quis dizer claramente que os cristãos (“filhos”) da igreja-irmã (“tua irmã eleita”), da qual ele era membro, enviaram suas saudações (juntamente com as saudações do próprio apóstolo) para seus leitores.

⁵⁹ Barker, págs. 365-66. Cf. Marshall, pág. 75.

⁶⁰ Smalley, pág. 314.

⁶¹ Smith, 5:204.

Bibliografia

- Alford, Henry. *The Greek Testament*. 4 vols. New ed. Cambridge: Deighton, Bell, and Co., 1883, 1881, 1880, 1884.
- Bailey, Mark L., and Thomas L. Constable. *The New Testament Explorer*. Nashville: Word Publishing Co., 1999. Reimpresso como *Nelson's New Testament Survey*. Nashville: Thomas Nelson Publishers, 1999.
- Barclay, William. *The Letters of John and Jude*. The Daily Study Bible series. 2nd ed. Edinburgh: Saint Andrew Press, 1962.
- Barker, Glenn William W. "2 John." In *Hebrews-Revelation*. Vol. 12 de *The Expositor's Bible Commentary*. 12 vols. Editado por Frank E. Gaebelin and J. D. Douglas. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1981.
- Baxter, J. Sidlow. *William Explore the Book*. 1960. One vol. ed. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1980.
- Blair, J. Allen. *The Epistles of John: Devotional Studies on Living Confidently*. Neptune, N.J.: Loizeaux Brothers, 1982.
- Brooke, A. E. *A Critical and Exegetical Commentary on the Johannine Epistles*. International Critical Commentary series. Edinburgh: T. & T. Clark, 1912.
- Bruce, F. F. *The Epistles of John*. London: Pickering & Inglis Ltd., 1970; reprint ed., Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1986.
- Calvin, John. *Institutes of the Christian Religion*. Série *The Library of Christian Classics*, volumes 20 e 21. Editado por John T. McNeill. Traduzido por Ford Lewis Battles. Philadelphia: Westminster Press, 1960.
- Carson, Donald A., and Douglas J. Moo. *An Introduction to the New Testament*. 2nd ed. Grand Rapids: Zondervan, 2005.
- Darby, John Nelson. *Synopsis of the Books of the Bible*. 5 vols. Revised ed. New York: Loizeaux Brothers Publishers, 1942.
- Deissmann, Adolf. *Light from the Ancient East*. 4th ed. Traduzido por Lionel R. M. Strachen. Grand Rapids: Baker Book House, 1965.
- Dodd, C. H. *The Johannine Epistles*. The Moffatt New Testament Commentary series. New York: Harper and Row, 1946.

- The Ecclesiastical History of Eusebius Pamphilus. Twin Brooks series. Popular ed. Grand Rapids: Baker Book House, 1974.
- Ehrman, Bart D. A Brief Introduction to the New Testament. New York and Oxford, U.K.: Oxford University Press, 2004.
- _____. The New Testament: A Historical Introduction to the Early Christian Writings. 3rd ed. New York and Oxford, U.K.: Oxford University Press, 2000, 2004.
- Findlay, George G. Fellowship in the Life Eternal. London: Hodder and Stoughton, 1909.
- Funk, Robert W. "The Form and Structure of II and III John." *Journal of Biblical Literature* 86 (1967):424-30.
- Gaebelein, Arno C. The Annotated Bible. 4 vols. Reprint ed. Chicago: Moody Press, and New York: Loizeaux Brothers, 1970.
- Graystone, Kenneth. The Johannine Epistles. New Century Bible Commentary series. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., and London: Marshall, Morgan & Scott, 1984.
- A Greek-English Lexicon of the New Testament. By C. G. Wilke. Revisado por C. L. Wilibald Grimm. Traduzido, revisado e ampliado por Joseph Henry Thayer, 1889.
- Guthrie, Donald. New Testament Introduction: Hebrews to Revelation. 2nd ed. reprinted. London: Tyndale Press, 1962, 1966.
- Hanna, Kenneth G. From Gospels to Glory: Exploring the New Testament. Bloomington, Ind.: CrossBooks, 2014.
- Harris, W. Hall. "A Theology of John's Writings." In *A Biblical Theology of the New Testament*, pp. 167-242. Editado por Roy B. Zuck. Chicago: Moody Press, 1994.
- Henry, Matthew. Commentary on the Whole Bible. One volume ed. Editado por Leslie F. Church. Grand Rapids: Zondervan Publishing Co., 1961.
- Hodges, Zane C. "2 John." In *The Bible Knowledge Commentary: New Testament*, pp. 905-9. Editado por John F. Walvoord e Roy B. Zuck. Wheaton: Scripture Press Publications, Victor Books, 1983.
- _____. The Epistles of John: Walking in the Light of God's Love. Irving, Tex.: Grace Evangelical Society, 1999.

- . "The Second Epistle of John." In *The Grace New Testament Commentary*, 2:1231-33. Editado por Robert N. Wilkin. 2 vols. Denton, Tex.: Grace Evangelical Society, 2010.
- Irenaeus. *Against Heresies*. In *The Ante-Nicene Fathers*. Vol. 1: *The Apostolic Fathers with Justin Martyr and Irenaeus*. Editado por Alexander Roberts e James Donaldson. Reimpressão norte americana da edição de Edinburgh. New York: Charles Scribner's Sons, 1899.
- Jamieson, Robert; A. R. Fausset; and David Brown. *Commentary Practical and Explanatory on the Whole Bible*. Reprint ed. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1961.
- Kruse, Colin G. *The Letters of John*. The Pillar New Testament Commentary series. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., and Leicester, Eng.: Apollos, 2000.
- Ladd, George Eldon. *A Theology of the New Testament*. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1974, 1979.
- Lange, John Peter, ed. *Commentary on the Holy Scripture*. 12 vols. Reprint ed. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1960. Vol 12: *James-Revelation*, by J. P. Lange, J. J. Van Oosterzee, G. T. C. Frommuller, and Karl Braune. Ampliado e editado por E. R. Craven. Traduzido por J. Isidor Mombert e Evelina Moore.
- Lenski, Richard C. H. *The Interpretation of the Epistles of St. Peter, St. John and St. Jude*. 1945. Reprint ed. Minneapolis: Augsburg Publishing House, 1961.
- Marshall, I. Howard. *The Epistles of John*. New International Commentary on the New Testament series. Reprint ed. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1984.
- McGee, J. Vernon. *Thru the Bible with J. Vernon McGee*. 5 vols. Pasadena, Calif.: Thru The Bible Radio; and Nashville: Thomas Nelson, Inc., 1983.
- McNeile, Alan Hugh. *An Introduction to the Study of the New Testament*. 2nd ed. revisada por C. S. C. Williams. Oxford: Clarendon Press, 1927, 1953.
- Mitchell, John G. *Fellowship: Three Letters from John*. Portland: Multnomah Press, 1974.
- Morgan, G. Campbell. *An Exposition of the Whole Bible*. Westwood, N.J.: Fleming H. Revell, 1959.

- _____. Living Messages of the Books of the Bible. 2 vols. New York: Fleming H. Revell Co., 1912.
- The Nelson Study Bible. Editado por Earl D. Radmacher. Nashville: Thomas Nelson Publishers, 1997.
- The NET (New English Translation) Bible. First beta printing. Spokane, Wash.: Biblical Studies Press, 2001.
- Pfeiffer, Robert H. History of New Testament Times With an Introduction to the Apocrypha. London: Adam and Charles Black, 1949, 1963.
- Pond, Eugene. "2 John." In Surveying Hebrews through Revelation, pp. 105-110. 2nd ed. Editado por Paul D. Weaver. Learn the Word Bible Survey series. [Schroon Lake, N.Y.]: Learn the Word by Word of Life, 2019.
- Richardson, Alan. An Introduction to the Theology of the New Testament. New York: Harper & Row, 1958.
- Robertson, Archibald Thomas. Word Pictures in the New Testament. 6 vols. Nashville: Broadman Press, 1931.
- Ryrie, Charles Caldwell. Biblical Theology of the New Testament. Chicago: Moody Press, 1959.
- _____. "The Second Epistle of John." In The Wycliffe Bible Commentary, pp. 1479-81. Editado por Charles F. Pfeiffer e Everett F. Harrison. Chicago: Moody Press, 1962.
- Schnackenburg, Rudolf. The Johannine Epistles. Translated from the 7th ed. of Die Johannesbriefe (1984) by Reginald and Ilse Fuller. New York: Crossroad Publishing Co., 1992.
- Smalley, Stephen S. 1, 2, 3 John. Word Biblical Commentary series. Waco: Word Books, 1984.
- Smith, David. "The Epistles of St. John." In The Expositor's Greek Testament, 5 (1910):151-208. 4th ed. Editado por W. Robertson Nicoll. 5 vols. London: Hodder and Stoughton, 1900-12.
- Stott, John R. W. Basic Introduction to the New Testament. 1st American ed. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1964.
- _____. The Epistle of John. Tyndale New Testament Commentaries series. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1964.
- Swindoll, Charles R. The Swindoll Study Bible. Carol Stream, Ill.: Tyndale House Publishers, 2017.

Tenney, Merrill C. *The New Testament: An Historical and Analytic Survey*. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1953, 1957.

Thiessen, Henry Clarence. *Introduction to the New Testament*. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1943, 1962.

Westcott, Brooke Foss. *The Epistles of St. John*. 1883. Reprint ed. England: Marcham Manor Press, 1966.

Wiersbe, Warren W. *The Bible Exposition Commentary*. 2 vols. Wheaton: Scripture Press Publications, Victor Books, 1989.

Wuest, Kenneth S. *Word Studies in the Greek New Testament*. Reprint ed. 16 vols. in 4. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Company, 1966.

Yarbrough, Robert W. *1—3 John*. Baker Exegetical Commentary on the New Testament series. Grand Rapids: Baker Academic, 2008.